

Pesquisa em Ação

Trilhando Caminhos em Educação

Ronaldo Luís Goulart Campello
(Organizador)



 Editora
Atena

Ano 2018

Ronaldo Luís Goulart Campello

(Organizador)

Pesquisa em Ação
Trilhando Caminhos em Educação

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P474 Pesquisa em ação [recurso eletrônico]: trilhando caminhos em educação / Organizador Ronaldo Luís Goulart Campello. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-00-0
DOI 10.22533/at.ed.000181407

1. Folclore - Brasil. 2. Lendas brasileiras. 3. Literatura brasileira - Contos. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 398.2098

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A proposta deste trabalho escapa/surge em meios as classes de sala de aula, salas de professores, e também às salas de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados, mas, tem seu cerne em uma Escola Técnica Estadual localizada no bairro Fragata na cidade de Pelotas – RS. Uma ideia que se teve de pensar para além das estrias que demandam este corpo-educação. Pensou-se ser necessário discorrer sobre práticas de ensino, formação docente; metodologias que busquem propor uma face de passagem plana, resvaladia, deixando assim, fruir encontros dos corpos que fazem educação, alunos, professores...

Deste modo, se oferece neste instrumento-livro e seus movimentos, sopros de ar fresco, não fórmulas, não guias, tampouco manuais práticos ou de auto-ajuda que digam como fazer docência num ambiente que se pensa estar já bem poluído e estriado pela ferrugem de práticas quiçá desatualizadas e que não contemplam todos que imergem neste oceano, para neste campo, profundo e repleto de monstros que tentam nos devorar no dia a dia de nossas docência. Não. Não é esta a ideia deste instrumento-livro. Este é um texto colaborativo escrito em meio às classes de sala de aula, salas de professores, e também nas salas de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados destes que buscam pensar uma educação comprometida e fruída.

Aqui nestas páginas se busca tratar de temas/práticas que são pertinentes as demandas de sala de aula, não tomando como regra ou colocando em primeiro plano, uma ou outra escrita, nem tomando como verdade uma ou outra prática, mas sim oferecer registros/lentes de práticas docentes que possam ajudar a vislumbrar com perspectivas novas o oceano que se apresenta as naus que de nosso pensamento navegam neste oceano seguindo sempre linhas de horizontes possíveis.

A todos uma boa leitura.

- Ronaldo Campello -

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BRINCAR NA RUA	
<i>Catiúscia Daniela</i>	
<i>Marta Bottini</i>	
CAPÍTULO 2	7
UMA INTERVENÇÃO SOBRE IDENTIDADE NO MEIO ESCOLAR	
<i>Juliana Boanova Souza</i>	
<i>Lidiane Maciel Pereira</i>	
<i>André Luis Ferreira Andrejew</i>	
CAPÍTULO 3	14
PROFESSOR-FLÂNEUR-CARTÓGRAFO-PESQUISADOR...	
<i>Ronaldo Luís Goulart Campello</i>	
<i>Cynthia Farina</i>	
CAPÍTULO 4	24
APRENDIZAGEM LÚDICA DE LÍNGUAS MEDIADA POR TDIC'S	
<i>Neemias de Oliveira Steinle</i>	
<i>Luis Roberto Volz de Oliveira</i>	
<i>Haidi Werhmann Reinart Steinle</i>	
CAPÍTULO 5	33
NARRATIVAS DO COTIDIANO DO BAIRRO FRAGATA: UMA PROPOSTA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL	
<i>Carla Vargas Bozzato</i>	
CAPÍTULO 6	39
OS JOGOS DE AZAR E O ENSINO DE PROBABILIDADE E ANÁLISE COMBINATÓRIA	
<i>Fabrcio Monte Freitas</i>	
<i>Denise Nascimento Silveira</i>	
CAPÍTULO 7	50
APRENDER COM IMAGENS VISUAIS: FACEBOOK SALA DE AULA.	
<i>Jussara Costa Duarte</i>	
<i>Alberto d'Ávila Coelho,</i>	
CAPÍTULO 8	58
PATRIARCADO, MASCULINIDADE(S) E AS MULHERES: ENTENDENDO A OPRESSÃO FEMININA	
<i>Amélia Teresinha Brum da Cunha</i>	
CAPÍTULO 9	68
A FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR-CARTÓGRAFO: COMO CHEGAMOS A "SER" PROFESSOR?	
<i>Jorge Garcia</i>	
<i>Alberto d'Ávila Coelho</i>	
CAPÍTULO 10	80
O ENUNCIADO É UMA CONVENÇÃO DE TODOS OS CONTEXTOS	
<i>Marcio Nilander Ávila Barreto</i>	
<i>Vera Lúcia Cardozo Bagatini</i>	
<i>Maicon Farias Vieira</i>	

CAPÍTULO 11	89
UM APRENDER EM OFICINAS DE ESCRITURAS NA ESCOLA	
<i>Josimara Wikboldt Schwantz</i>	
<i>Carla Gonçalves Rodrigues</i>	
CAPÍTULO 12	97
NOTAS: UMA CARTOGRAFIA; SUSPEITAS E POSSIBILIDADES ACERCA DO CORPO	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos</i>	
<i>Ursula Rosa da Silva</i>	
<i>Ronaldo Luis Goulart Campello</i>	
SOBRE OS AUTORES	105

O ENUNCIADO É UMA CONVENÇÃO DE TODOS OS CONTEXTOS

Marcio Nilander Ávila Barreto
intergi11@gmail.com.br

Vera Lúcia Cardozo Bagatini
veracbogatini@gmail.com

Macon Farias Vieira
mai_con_pel@hotmail.com

Introdução

Na proposta de descrever as características que compõem o enunciado, na perspectiva bakhtiniana, elencamos a necessidade de descrever uma representação que venha contribuir e possibilitar ao leitor, uma análise mais objetiva, à medida que criamos um cenário favorável, através da demonstração de um exemplo prático, que possa oportunizar uma melhor compreensão da teoria de Bakhtin, no território em que a mesma faz referência ao conceito de enunciado.

Como exemplo prático que contribua para um melhor entendimento sobre este conceito, propomos ao leitor, a imaginação de uma situação hipotética, que comporte exemplos conceituais, demonstrativos, ilustrativos e que auxiliem na percepção da construção desta demonstração prática em relação à teoria.

Imaginemos, então, uma simples atividade de escrever um parágrafo que terá como finalidade, repassar, de forma escrita, um aviso a todos os integrantes de um determinado local

(instituição, local de trabalho, etc.). Neste aviso, estaria descrita, uma mensagem que traça uma nova norma/diretriz sobre as condutas pessoais dentro deste determinado recinto.

Como o significado, a interpretação, o modo receptível e o contexto do recebimento do aviso, dependerá, singularmente, do parecer distinto de cada leitor, podemos dizer que, nessa proposta, temos um único registro escrito, observado por diversas pessoas, com singulares formas de interpretação sobre o mesmo.

Abordando outra possibilidade, ainda dentro deste mesmo exemplo, imaginemos a figura de uma pessoa que possua um cargo diretivo ou tenha uma forte influência, neste mesmo local, dentro deste mesmo grupo onde o aviso foi exposto. O que mudaria se esse mesmo aviso fosse lido por esta pessoa, em voz alta, tornando assim, possível que todos, ao mesmo tempo, possam ser atingidos pelo conteúdo do aviso?

Certamente a entonação vocal utilizada, a ênfase dispensada em algum trecho do texto, a forma decisiva ou não, de como foi lido e apresentado o objetivo central da mensagem, serão influenciados diretamente pelo desempenho apresentado ou pela posição hierárquica ocupada pelo “locutor-leitor”. Haveria uma diferenciação provocada pela alteração na “forma” como se deu a proposta de informar aquela mensagem.

Neste sentido, surgem questionamentos sobre o que modificou o recebimento da

mensagem, que fora emitida pelo locutor, em público, em relação ao ato de cada um ter lido o aviso sozinho? O que certamente ocorre nas duas propostas, é o fato de cada indivíduo conferir, a cada informação pronunciada/escrita, uma concepção exclusivamente sua, e, por muitas vezes, se verificará que a sua forma de recebimento será diferenciada em relação ao que foi compreendido pelos demais ouvintes. Estas composições, segundo Bakhtin, são determinadas pelas concepções, daquele que produz a enunciação, em contato com as interpretações, de quem as recebe. Ao interagir com o enunciado, o enunciatário, perceberá o enunciado como um todo e não apenas o que está escrito/lido. Por trás desse discurso há a vivência, o olhar único de cada pessoa, que promovem significado e assimilação diferenciados, a partir de seu contexto cultural, social e histórico, atribuindo um determinado valor ou conceito, à sua maneira, ao que lhe foi exposto.

Passemos agora a um exemplo prático envolvendo uma atividade que foi desenvolvida com alunos do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Pelotas (RS). Faremos um recorte da atividade, visto que ela se insere dentro de um projeto maior sobre o Bullying e Violência no Espaço Escolar.

O projeto surgiu a partir da necessidade de abordagens sobre -como discutir questões relativas à violência- em função das constantes brigas e confusões que estavam acontecendo na hora do intervalo, inclusive, dentro da sala de aula. Para sua execução, o projeto contou com a participação da orientadora educacional, de alguns professores e envolveu alunos do turno da manhã e da tarde do 6º ao 9º ano.

Inicialmente os alunos assistiram a vídeos os quais mostravam situações de humilhação, abuso de poder, violência verbal, psicológica e “brincadeiras ofensivas” tão conhecidas e praticadas pelos alunos, além do cyberbullying. A partir dos vídeos foram feitas as discussões, comentários por parte do grupo de professores, e, na seqüência propiciou-se espaço para ouvir a voz dos alunos, seus relatos e suas vivências a partir do tema.

Assim, logo após as discussões, os alunos se reuniram em grupo, para formularem uma produção escrita relativa ao tema. Solicitamos aos participantes da atividade, que dialogassem com os colegas sobre tudo o que havíamos comentado e que escrevessem sobre o tema a partir do gênero cartaz. Um dos grupos optou em escrever um rap para, posteriormente, no final da atividade, fazer a apresentação da música para os colegas.

Escolhemos, então, o gênero cartaz, por suas características estruturais e comunicativas, e, ainda, por ser considerado na perspectiva bakhtiniana, como um gênero discursivo, o que implica considerá-lo como meio de comunicação e de interação verbal e social, à medida que:

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório dos gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Desse modo, podemos dizer que o cartaz pode ser considerado um gênero discursivo,

pois tem como finalidade discursiva a comunicação entre os sujeitos, e é constituído, via de regra, por dois tipos de linguagem: verbal e não-verbal. O não-verbal, nesse contexto, apresenta uma leitura que se articula com o verbal formando um todo na revelação dos sentidos - do discurso.

Escolhemos um cartaz, dentre vários que foram confeccionados pelos alunos, visto que, na dimensão deste trabalho, não teríamos espaço para demonstração de toda a produção feita pelos alunos durante todo o percurso da atividade.

Sendo assim, a divulgação do conteúdo do cartaz, tem como objetivo, demonstrar e diferenciar a concepção bakhtiniana e sua importância no trabalho com a linguagem. A partir dele, buscamos exemplificar a possibilidade de um texto, independentemente do gênero, ser inserido dentro do universo desta obra que comporta, além de outros conceitos, o enunciado concreto e a enunciação.

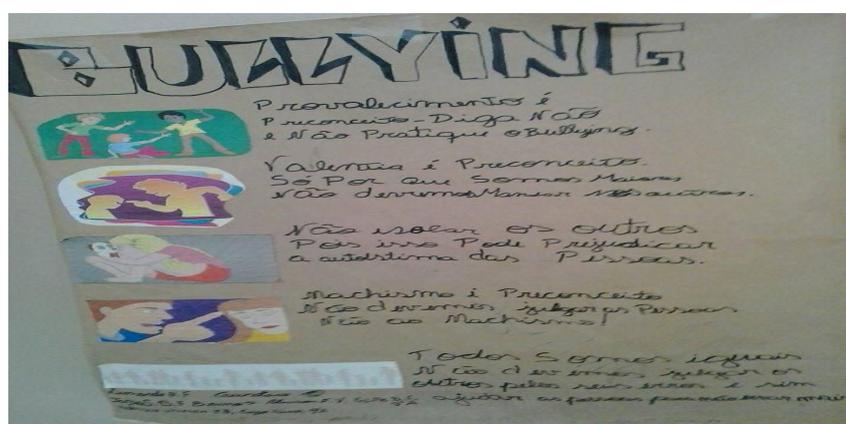


Figura 1 – Cartaz confeccionado pelos alunos

Fonte: Projeto Bullying na Escola - Escola Estadual de Ensino Fundamental Rachel Mello - Pelotas/RS.

Observando o cartaz, percebemos a utilização dos recortes (figuras coloridas - imagens) as quais ocupam escolhas feitas pelos sujeitos-alunos, produtores do enunciado, além das seqüências verbais articuladas com as imagens. Considerando o cartaz como um todo, em cada imagem, verifica-se a representação de uma relação social de dominação, na qual um sujeito mais forte ocupa o lugar de dominador (aquele que pratica o Bullying), e dos sujeitos mais fracos, ocupando a posição de dominado (quem sofre a violência do Bullying).

Quanto à parte verbal, levando em conta a natureza dialógica da palavra, é possível dizer, do ponto de vista bakhtiniano, que a palavra é indissociável do discurso. Ainda nesta mesma abordagem, Brait (2013, p. 204), afirma que, “a palavra também é história, é ideologia, é luta social, já que ela é a síntese das práticas discursivas historicamente construídas”.

Este foi apenas um exemplo de como a linguagem participa da vida dos enunciados concretos que a realizam, pois, segundo Bakhtin (2011, p. 263), “os enunciados configuram tipos de gêneros discursivos e funcionam, em relação a eles, como “correias de transmissão” entre a história da sociedade e a história da língua”.

Dentre os enunciados contidos no cartaz, destacamos a seguinte passagem: “Todos somos iguais”, a qual remete a um discurso que se estabilizou por um longo tempo na sociedade e na escola. Esse enunciado reflete o tratamento que era dado, no ambiente de sala de aula, aos alunos como forma de considerá-los todos iguais, ou ainda, que, a escola deve ser um local onde todos aprendem, pensam e devam ser tratados do mesmo jeito e de forma homogênea.

Este foi apenas um exemplo de como a linguagem participa da vida dos enunciados concretos que a realizam, pois, segundo Bakhtin (2011, p. 263), “os enunciados configuram tipos de gêneros discursivos e funcionam, em relação a eles, como “correias de transmissão” entre a história da sociedade e a história da língua”.

Bakhtin e o enunciado: seu pensamento em contraste com outros

Ao nos debruçarmos em torno da obra e do Círculo de Bakhtin, verificamos que, segundo as concepções defendidas por este teórico, a idéia de enunciado não se limita somente ao enunciado lingüístico, ou ao enunciado literário.

Esta posição de análise, concebida a partir da perspectiva que é abordada na ótica bakhtiniana, se mostra direcionada a tomar como regra, outra tendência na forma de dialogar sobre a questão dos enunciados, muitas vezes se opondo as demais teorias, quando assume que:

além do trabalho desenvolvido pelas diferentes pragmáticas, também outros estudos considerados transfrásicos, de diversas procedências, procuram explicar a natureza do enunciado, apresentando-o, em geral, como uma espécie de texto. (BRAIT, 2013, p. 64)

Na obra de Bakhtin, encontramos a idéia de uma configuração de enunciados que transpõe a visão pura e linear da palavra e do pensamento, costura uma “rede” de idéias que compreende as diversas áreas do conhecimento como a literatura, a linguagem verbal e não verbal, dentre tantas outras, interagindo-as. E a partir desta ótica é que se abre um debate, muito mais amplo, com todos os demais estudos nas mais diversas áreas do conhecimento sobre as atribuições na esfera do campo da linguagem.

A complexidade da definição do termo “enunciado”, para Bakhtin, é capaz de nos remeter a uma amostra do quanto é ampla a sua utilização e abordagem. Assim, este teórico afirma que:

todo enunciado - desde a breve réplica (monolexematica) até o romance ou o tratado científico - comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em uma determinada compreensão). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mundo “dixi” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou. (BRAIT, 2013, p. 61)

Porém, ao levarmos em conta o amplo cenário de discussão que ocupa os mais variados trabalhos produzidos em torno dos estudos sobre o enunciado, como já citado

anteriormente, os mesmos tendem a nos remeter, em sua maioria, o caráter descritivo do enunciado, vinculado com a sua utilização disposta, geralmente, na forma escrita.

Quando comparamos a proposta bakhtiniana - como anteriormente descrevemos, considera o “todo” do enunciado como principal ponto - com os demais teóricos que a este conceito também destinaram suas observações com inúmeras contribuições, podemos encontrar algumas diferenças entre as abordagens.

Propomos, então, dentro de um conciso relato histórico, desenvolver uma análise descritiva, contemplando uma breve passagem pela evolução ocorrida nos conceitos da lingüística, na busca de possibilitar uma melhor visualização, da transformação das tendências adotadas, relativas ao tratamento que alguns teóricos começaram a utilizar em seus trabalhos e pesquisas, relacionados com a linguagem/lingüística.

Na tentativa de demonstrar essa mudança, passaremos, obrigatoriamente, pela abordagem geral do campo da lingüística, que compreende todo este cenário em discussão e que comporta, em seu conteúdo, os estudos sobre a linguagem.

Ao visualizar, nessa perspectiva, a evolução de alguns dos conceitos da lingüística como tema maior, se faz necessário mencionar a obra de Saussure e sua notável contribuição nos estudos de cunho lingüístico.

Isso ocorre, ao passo que Saussure rompe com os estudos anteriores, delimitando, segundo Coelho et.al. (2015, p. 56) “como objeto de estudo da Lingüística, a língua (*langue*) tomada em si mesma, vista como um sistema de signos que estabelecem relações entre si formando uma estrutura autônoma, desvinculada de fatores externos sociais e históricos”.

Portanto, nota-se, a partir desta ótica, um novo direcionamento, em que, a proposta da lingüística passa a tomar uma formatação diferenciada em relação aos conceitos tradicionais utilizados anteriormente.

Seguindo esta mesma corrente, Martinet (1978, p. 62), aborda como tema principal, a caracterização da cientificidade dos estudos que se remetem ao teor das linguagens, quando define a lingüística como “o estudo científico da linguagem humana. Diz-se que um estudo é científico quando se baseia na observação dos fatos e se abstém de propor qualquer escolha entre tais fatos, em nome de certos princípios estéticos ou morais”.

Uma diferença observável, dentro do campo da lingüística, entre Bakhtin e as demais vertentes, está situada no contexto promovido pela língua, quando analisada sua utilização como processo de interação verbal. E ainda:

podemos apontar outros pesquisadores com uma concepção social de língua no início do século XX. Na perspectiva da lingüística soviética, [...] as línguas são instrumentos de poder, refletindo a luta de classes sociais, ao passo que o filósofo Mikhail Bakhtin, criticava a perspectiva saussureana, defendendo um enfoque da língua na interação verbal historicamente situada. (COELHO et. al., 2015, p. 57).

Sendo assim, a autora, destaca ainda que:

foi em meio a essa diversidade de orientações teóricas que aconteceu, em 1966, nos Estados Unidos, o simpósio “Direções para a Linguística Histórica.” Em especial, o debate proposto [...] resgatou a discussão sobre os estudos da mudança linguística e, principalmente, sobre as suas motivações sociais. Seu objetivo era propor um novo

Identifica-se a partir desse período, a preocupação de pesquisadores e estudiosos desta área, em levar em consideração, dentro da nova proposta de abordagem lingüística, o aspecto de relativizar os contextos históricos, políticos, culturais e sociais dos indivíduos, como influenciadores potenciais e formadores dos seus discursos, e, por isso, formadores de suas concepções e linguagens. Ainda, segundo Bakhtin, a comunicação verbal, sendo inseparável de outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e resistência, adaptação ou resistência à hierarquia e a utilização da língua pela classe dominante que reforça seu poder, etc. Ao contrário da lingüística unificante de Saussure, que faz da língua um objeto abstrato, ideal, rejeitando suas manifestações individuais, Bakhtin valoriza justamente a fala, a enunciação.

Nesta configuração, que busca perceber e considerar os mais diversos contextos como agentes formadores nas singularidades das linguagens, é onde está situada a teoria bakhtiniana, que aborda, entre tantas outras contribuições, os conceitos de enunciado, enunciado concreto e enunciação.

Enunciado concreto e Enunciação

O enunciado concreto, segundo Silva (2013, p. 49) “atua como parte constituinte de todo contexto formador de um enunciado”. É, apoiando-se em uma exclusiva diferenciação, que Bakhtin confere a este conceito, uma característica singular. Evidencia-se esta característica, quando se verifica que, em função do resultado de um enunciado, pode-se perceber a intencionalidade real compreendida ou absorvida.

Em outras palavras: se uma mãe gritar o nome de seu filho no portão de sua casa, ele poderá simplesmente responder “o quê?” ou ir até o encontro de sua mãe. Em ambos os casos o enunciatário compreendeu o enunciado proferido, contudo, tendo reações diferentes. Se a intenção da mãe era fazer com que seu filho fosse até ela e ele realmente foi, o enunciatário teve a enunciação enunciada pelo enunciatário (a intenção da mãe) compreendida. Porém, se ele simplesmente disse “o quê?”, significará que o enunciado não foi compreendido pelo enunciatário como o enunciador desejava.

A partir do enunciado da mãe, considerando sua relação com o contexto, que surge a (não) apreensão da principal mensagem capturada pelo individuo que percebeu o enunciado e acabou, de sua forma, por compreendê-lo ou não.

A reflexão do ato a partir da concretização do enunciado, deve levar sempre em conta a conjuntura “do todo” – incluindo: pessoas, local, circunstâncias, abordagem, modo – isto é, o espaço em que a mensagem principal foi aplicada, ademais de ser fator determinante que atua fortemente, e acaba por influenciar significativamente o resultado do entendimento de quem se apropria da mensagem. É neste entorno formador de todo o enunciado que encontramos a percepção do que pode ser considerado: enunciado concreto. Com base em uma amplitude que depende muito da relação contextual e a vasta área que assim delimita sua definição, pode-se afirmar que, para Bakhtin apud Silva, o:

enunciado concreto é um todo formado pela parte material (verbal ou visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção. Isso significa que o processo e o produto da enunciação são constitutivos do enunciado. (SILVA, 2013, p. 49).

São muitos os elementos que influenciam e podem, assim, atuar delimitando o entendimento de um enunciado, enunciado concreto e enunciação. O fator significativo de uma mensagem, é muito subjetivo, de acordo com cada percepção ou atribuição suscetível que ganha maior ou menor valoração, dependendo, exclusivamente, das singularidades na forma de classificação que cada indivíduo dispensa ao estar exposto a um determinado enunciado. Através desta informação,

segundo a teoria que se depreende da obra de Bakhtin e do Círculo, esses elementos não são apenas fatores externos importantes para se entender um enunciado: eles fazem parte do enunciado como aspectos constitutivos do todo que cria sentidos. E qual o tamanho desse todo? Um enunciado concreto pode ser constituído por apenas uma palavra, das mais de trezentas páginas de uma tese de doutorado ou de vários volumes de um romance em tomos. (SILVA, 2013, p. 50).

A última peça que conclui a interligação entre os três conceitos que fazem parte deste mesmo campo do enunciado é a enunciação. Nota-se na obra bakhtiniana, que existe uma relação forte e, além disso, um perceptível vínculo de complemento entre estes conceitos e suas constituições. Dentro das obras do Círculo, quando este dialoga em relação ao posicionamento da enunciação como conceito, evidencia-se um contraste em relação direta a este entendimento pois:

para algumas teorias que estudam a linguagem, a enunciação é o ato de pôr em uso o sistema da língua (um processo) e o enunciado é o resultado desse ato (um produto). Em outras palavras, para essas teorias, o enunciado é o produto de um processo, que é a enunciação. No pensamento bakhtiniano, essa distinção não é posta, [...]isso significa que o processo e o produto da enunciação são constitutivos do enunciado. (SILVA, 2013, p. 49).

Para Bakhtin, a enunciação faz parte de um complexo processo de construção de sentidos. E todo seu processo de desenvolvimento, como também o produto da enunciação, são partes que constituem o próprio enunciado. Por esta característica, torna-se possível compreender porque nessa teoria, existe a possibilidade de criar vínculos entre os conceitos de enunciado/enunciação, para que ocorra um movimento de complementação entre os mesmos. Sendo assim:

as noções de enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos. (BRAIT, 2013, p. 65).

Por isso, podemos compreender, segundo Silva (2015, p. 50), que na obra de Bakhtin, “tanto enunciado, quanto enunciação são elementos que estão constantemente se sobrepondo em todo o desenvolvimento de seu percurso”. Apenas o que qualifica e pontua as suas definições, são os contextos que contribuem para cada configuração e suas respectivas ações representativas dentro da construção do enunciado. Assim:

os estudos bakhtinianos sobre enunciado/enunciação dialogam com o uso dos termos e as diferentes acepções que lhes foram sendo dadas. Essa é uma maneira, bem à moda bakhtiniana, de distinguir formas, perspectivas, de tratar a linguagem. (BRAIT, 2013, p. 65).

Sendo assim, toda a relação dos conceitos de Bakhtin em torno das definições que fazem parte do campo do enunciado, são dependentes diretamente do contexto ao qual este se insere, pois:

mesmo dentro do pensamento bakhtiniano, as possibilidades de leitura dos termos *enunciado*, *enunciado concreto*, *enunciação* só têm sentido na articulação com outros termos, outras categorias, outras noções, outros conceitos que, mais do que a constitutiva proximidade, lhes conferem sentido específico, diferenciado de qualquer outra perspectiva teórica. (BRAIT, 2005, p. 62).

Então, a contribuição trazida por Bakhtin e o Círculo, que elaboraram uma teoria enunciativa-discursiva em torno da linguagem, em suas abordagens sobre enunciado, enunciado concreto e enunciação, se notabilizaram pelo olhar diferenciado, voltado para outras possibilidades, dentro deste específico campo de estudos. Contribui, também, para a formulação de um convite que nos instiga a exercitar, de outra forma, a maneira de descrever como podemos compreender a linguagem, vista a partir de outros ângulos.

Conclusão

Concluimos este artigo, procurando demonstrar que enunciado, enunciado concreto e enunciação, se misturam de tal maneira, que, podemos observá-los na figura representativa de elos de uma corrente. A própria forma de continuidade de cada um encontra-se entrelaçada dentro do outro. E o fato mais significativo desta imagem, é que todos acabam se transformando em partes constituintes fundamentais do outro. No somatório geral, todos são peças importantes para a realização do cumprimento final de cada função operacional de cada um desses conceitos. Segundo afirmação de Silva (2013, p. 50), para Bakhtin, “a compreensão dos enunciados, é uma convenção de todos os contextos presentes em todos os enunciados [...] o que marca as fronteiras do enunciado é a unidade do sentido”.

Frente ao exposto neste estudo, apropriar-se do conceito de enunciado/ enunciado concreto e suas particularidades, exigem conhecimento desse conceito devido à grande polissemia de definições e empregos nas diversas teorias principalmente nas áreas do estudo da linguagem. E articular esses conceitos no âmbito da perspectiva aqui assumida, equivale a compreender a linguagem como prática social e dialógica, ou seja, o outro é fundamental para a existência da produção de sentidos que possa surgir no processo de interação. Dessa maneira, ter o conhecimento de que as formas típicas dos enunciados são os gêneros do discurso e que o projeto enunciativo do locutor sempre o levará a escolher um gênero, implica em entender que a real unidade da comunicação discursiva é o enunciado. E que a cada vez que ele for repetido, ganhará outro sentido, por isso ele é irrepitível, pois estará inserido em outro momento histórico, em outro contexto.

Portanto, a cada vez que trabalharmos, por exemplo, com outra turma da mesma

escola, sobre o Bullying, outros enunciados surgirão, considerando ser impossível repetir a situação inicial em que o enunciado anterior foi proferido.

Referências

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 13.ed. São Paulo, Editora Hucitec, 2009.

BRAIT, Beth. Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo, 2005.

_____, Beth. Bakhtin: conceitos-chave/ Beth Brait,(org.). 5.ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

_____, Beth. Bakhtin: Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Editora da UNICAMP, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais. Brasília : MEC/SEF, 1997. p. 25.

COELHO...[et al.]. IzeteLehmekuhl. Para conhecer sóciolinguística. São Paulo: Contexto, 2015.

LOUREIRO, Marlene da Conceição Vasques. Nova visão do ideário linguístico de Ferdinand de Saussure. Dissertação de Mestrado - Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, 2007. Disponível em: <https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/85/1/msc_mloureiro.pdf> Acesso em 30 jul. 2015.

MARTINET, André. Elementos de linguística geral. 8 ed. Lisboa: Martins Fontes, 1978.

SILVA, A. P. P. F. Bakhtin. In: Luciano Amaral Oliveira. (Org.). Estudos do Discurso. Perspectivas Teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, v., p. 45-69.

SOBRE OS AUTORES

Alberto d'Ávila Coelho Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Pelotas – IFSUL; Dep. de Ensino de Graduação e de Pós-Graduação Membro dos Grupos de pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia. EXPERIMENTA/ CNPq/ IFSUL ArteVersa - Grupo de Estudo e Pesquisa em Arte e Docência - CNPq/FACED/UFRGS

Amélia Teresinha Brum da Cunha Doutora em Educação. Bolsista Pós-Doc. no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFPEL). Membro do Conselho Editorial da Revista Cadernos de Educação/UFPEL. Áreas de interesse: gênero e educação; políticas educacionais; currículo; formação docente.

André Luis Ferreira Andrejew Graduação em Matemática Aplicada e Computacional; Mestre em Ciência da Computação e Doutor em Informática na Educação. Atualmente é professor do departamento de educação Matemática da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

Carla Gonçalves Rodrigues Doutora em Educação. Professora do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL.

Carla Vargas Bozzato Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

Catiúscia Daniela Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

Cynthia Farina Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona, coord. do GP Educação e Contemporaneidade: Experimentações com Arte e Filosofia (EXPERIMENTA); Prof.^a do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL Pelotas RS, Brasil.

Denise Nascimento Silveira UFPEL - Universidade Federal de Pelotas; Instituto de Física e Matemática – IFM; Departamento de Matemática e Estatística – DME Campus Universitário Capão do Leão – RS - BRASIL

Fabrcio Monte Freitas Doutorando em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – FURG/ UFSM/UFRGS/Unipampa; Lic. Matemática – Mestre em Educação. SEDUC RS – EEEM Dr. Augusto Simões Lopes; Pref. Mun. de Pelotas – EMEF Antônio Joaquim Dias; Colégio Sinodal Alfredo Simon

Haidi Werhmann Reinar Steinle Psicopedagoga Clínica e Institucional.

Josimara Wikboldt Schwantz Mestre em Educação. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL - PPGE.

Jorge Garcia Mestre em Educação pelo curso de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologias, do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – MPET- IFSUL;. Especialista em educação – IFSUL. Graduado em licenciatura e bacharelado em Filosofia da Universidade Católica de Pelotas – UCPel.

Juliana Boanova Souza Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES; Pertence ao grupo de professores do Projeto de extensão Desafio pré-vestibular da UFPEL.

Jussara Senna Costa Duarte Mestre em Educação e Tecnologia – IFSUL; Especialista em Educação – IFSUL Especialista em EAD – UCB; Membro dos Grupos de Pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia, Experimenta/ CNPq/ IFSUL.

Lidiane Maciel Pereira Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL e Mestranda no Programa de Pós Graduação desta mesma Universidade. Atualmente busca por temáticas ligadas a educação inclusiva e educação Matemática.

Luis Roberto Volz de Oliveira Docente de Linguagens e suas Tecnologias com formação em Lingüística.

Maicon Farias Vieira Mestre em Educação e Tecnologia: Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia IFSUL – Rio-Grandense – Campus Pelotas - RS. Professora Estadual de Língua Portuguesa em Pelotas - RS. Participante do Grupo de pesquisa Discurso Pedagógico.

Marcio Nilander Ávila Barreto Mestre em Educação pelo programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia MPET- IFSUL – Rio-grandense Campus Pelotas. Acadêmico de Pedagogia FAE/ UFPEL. Graduado em Administração. Especialista em Gestão de Pessoas e. Membro do GP Discurso Pedagógico.

Marta Lizane Bottini dos Santos Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Pós-graduada em Psicopedagogia Educacional pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA; Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela UFPEL

Neemias de Oliveira Steinle Docente de Linguagens e suas Tecnologias e de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação com formação em Lingüística, Pedagogia, Psicopedagogia.

Ronaldo Luís Goulart Campello Mestre em Educação e Tecnologia – IFSUL; Especialista em Educação – IFSUL Membro do Grupo de Pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia, Experimenta / CNPq/ IFSUL. Graduando em Licenciatura em Geografia UFPEL Pelotas – RS; Pedagogo pela ULBRA. Poeta.

Ursula Rosa da Silva Dr.^a em Educação. É líder do grupo de pesquisa *Caixa de Pandora: Estudos em Arte, gênero e Memória* (CNPq/UFPEL), Atua na área de ensino da arte, com ênfase em filosofia da arte, crítica de arte, cultura visual, gênero, estética e cotidiano na contemporaneidade. Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Pelotas – RS

Vera Lúcia Cardozo Bagatini Mestre em Educação pelo programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia MPET- IFSUL – Rio-grandense Campus Pelotas - RS. Graduada em Letras – Habilitação Espanhol – pela UFPEL, professora da Rede Municipal de Pelotas - RS.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-00-0

